

Possibilita igualmente comprovar de modo empírico aspectos da educação que, apesar de serem não demonstráveis porque não podem ser objeto generalizado de experimentação, podem, entretanto, ser objeto de observação.

A enciclopédia deveria estar disponível em toda biblioteca especializada em educação digna do nome. Suas referências cruzadas entre artigos, o excelente desenvolvimento de temas e tópicos e o utilíssimo último volume, que consiste numa longa lista de contribuintes, um completo índice de nomes de autores e um exaustivo índice de assuntos inteligentemente sistematizado e entrecruzado, facilita o uso de uma obra que é imensamente rica, atualizada e informativa.

Seu representante para a América Central e do Sul é: Editora Campus Ltda., R. Sete de Setembro, 111, 16º andar; CEP 20159-900, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; fone: 055- 021- 221-5340; fax: 055-021-507-1991.

M. Dino Carelli

FAMÍLIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DIVERSIDADE E MOVIMENTO

Cristina Almeida C. Filgueiras e Maria Lúcia M. Afonso
Belo Horizonte: Associação Municipal de Assistência Social (AMAS), 1995

O livro apresenta os resultados de uma pesquisa sobre famílias com crianças em Belo Horizonte, sua estrutura, dinâmica interna e relação com a sociedade. Iniciando com um *survey* com 1041 famílias em todas as faixas de renda, incluiu um estudo qualitativo com dezessete famílias de renda menor do que cinco salários mínimos e um projeto piloto de atendimento a famílias de baixa renda. A pesquisa foi encomendada pela Associação Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte (AMAS) e financiada pelo

Centro Brasileiro da Infância e da Adolescência (CBIA). O texto final da pesquisa, realizada em equipes, é de Cristina Almeida Filgueiras e Maria Lúcia M. Afonso.

As autoras retomam a discussão sobre a diversidade das formas de família tanto através da história e das culturas quanto dentro de um mesmo período e uma cultura. Tais diferenças não expressam necessariamente um "desvio" ou "modelo alternativo" ao modelo dominante de família, mas colocam em questão as diferentes maneiras de se organizar a vida privada relacionadas às condições de vida e aos valores dos grupos sociais. Na diversidade há uma riqueza de respostas possíveis mas, também, pontos de fragilidade.

A análise enfatiza um movimento interno às formas de organização da família — não apenas porque o grupo sofre modificações ao longo de "ciclos", mas também porque a diversidade implica uma transição contínua entre os tipos de família. Esse movimento se torna visível, por exemplo, quando uniões conjugais se rompem, outras se formam, parentes vêm morar no domicílio ou crianças vão morar com outros parentes. Assim evita-se uma perspectiva naturalista, que colocaria o modelo nuclear como "natural" ou "ideal", e se adota uma visão da família como instituição social sujeita a movimentos de organização-desorganização-reorganização.

Segundo essa abordagem, cada tipo de família representa uma forma de estabilização, ainda que relativamente transitória, na organização das relações da vida privada e no enfrentamento do cotidiano. Os diferentes tipos de família não são o resultado mecânico de conflitos e podem se constituir em uma forma ativa de lidar com crises, como no caso de famílias que moram juntas para facilitar a sobrevivência material ou o cuidado com as crianças. Portanto, as autoras advertem, não se deve reduzir a análise a uma "lista de formas possíveis", mas é preciso questionar

as diferenças de tipos de família no confronto da organização do grupo com suas condições de vida.

Em cada contexto sociocultural, a família pode mudar em decorrência não apenas de pressões e conflitos, mas também pelo fato de que o grupo busca resposta para essas pressões ou segue projetos que levam à sua reestruturação. A família deverá ser analisada em sua capacidade de: a) prover seus membros de proteção e sobrevivência, o que inclui uma divisão interna de trabalho entre seus membros; b) mediar as relações entre seus membros e as outras instituições sociais, o que inclui a inserção desses na esfera produtiva da sociedade; c) proporcionar referências a valores, visão de mundo e autoridade; d) promover vínculos afetivos estáveis que assegurem a identidade de seus membros e lhes apresentem regras para a vivência da afetividade e da sexualidade.

Nem "erradas" nem "certas" em si mesmas, as regras do grupo entram em conflito com seu contexto quando as famílias (a) vivem em condições de difícil realização de suas funções básicas, como no caso da extrema pobreza, (b) têm regras que ferem ideologias hegemônicas, como famílias de modelos diferenciados, e/ou (c) transgridem ideais e práticas derivados de lutas pelos direitos de cidadania da mulher e da criança, que têm pressionado a família em direção a mudanças.

Os dados descrevem nove estruturas familiares segundo o tipo de vínculo conjugal, presença ou não de parentes/agregados, presença ou não do pai e/ou da mãe (nuclear simples, nuclear extensa, monoparental feminina simples, monoparental feminina extensa, família convivente, família nuclear reconstituída, família de genitores ausentes, família nuclear com crianças agregadas). No cruzamento dos dados, os nove tipos foram reagrupados em cinco: nuclear simples, nuclear extensa, monoparental feminina simples, monoparental feminina extensa, outros.

A diversidade observada está presente em todas as faixas de renda. Mas, a maior incidência de famí-

lias monoparentais nas faixas de rendas baixas mostram a sua fragilidade no que diz respeito à participação na renda e acesso a serviços e bens sociais. Aprofundando a análise, as autoras mostram a grande disparidade existente na distribuição de renda interna a cada tipo de família. Podemos pressupor diferenças importantes entre famílias monoparentais se a sua renda é menor do que um ou maior do que dez salários mínimos.

Analisados através de cruzamentos com faixa de renda e a estrutura da família, os dados contemplam a situação ocupacional de pais, mães e crianças/adolescentes, acesso a creche e escola, repetência escolar, aprendizagem profissional, lazer, saúde e moradia. Uma ampla gama de dados inclui questões como a divisão das tarefas domésticas, a "circulação das crianças", a rede de apoio social, conflitos familiares, situação conjugal da mãe de família, práticas atuais de contracepção e, ainda, a co-residência, contribuição e convivência das figuras materna e paterna com seus filhos menores de dezoito anos.

A parte qualitativa da pesquisa incide sobre temas da divisão de papéis e funções na família, da relação adulto-crianças, da circulação de crianças e adolescentes, a noção de autoridade, a violência como linguagem na família, a relação família-escola, a compreensão sobre a sexualidade de crianças e adolescentes, e a questão do abuso sexual. Embora sucinta, a análise põe em relevo aspectos importantes dessas questões. Vê-se, por exemplo, que a relação pai-filho é freqüentemente mediada pela relação mãe-filho e que quando o vínculo-pai-mãe se rompe é usual se esperar que o vínculo pai-filho se rompa também.

Ao final, são apresentados alguns parâmetros para ações sociais, no âmbito municipal, que priorizem a família. As autoras argumentam que toda política dirigida à família deve se basear em uma postura explícita de não-estigmatização. Sendo a figura materna central na relação da família com a sociedade, é necessário pensar o apoio às mães de famílias não

apenas como mães, mas como mulheres, trabalhadoras e cidadãs. Além disso, as instituições que trabalham com crianças/adolescentes precisam reconhecer "o grupo familiar como referência", considerando a importância dos vários parentes como interlocutores possíveis. Sugerem que as ações dirigidas às famílias sejam organizadas do nível informativo (primário) ao atendimento (terciário), passando pela organização de oficinas e atividades em grupo (secundário).

O livro traz uma gama variada de informações sobre a família com crianças e adolescentes em uma grande cidade brasileira. Tem o mérito de analisar esses dados em uma perspectiva crítica, inovadora em vários momentos, e que vale a pena ser conhecida.

Sônia Alves de Lima